Crítica // As dez vantagens de morrer depois de você ★★★



PARIS FILMES/ DIVULGAÇÃO

Cena do filme As dez vantagens de morrer depois de você

DIVULGAÇÃO

Um legado de ensinamentos

Com forte apelo emocional, filme brasileiro assinado por Diego Freitas coloca Any Gabrielly e Giulia Be encenando uma amizade perpetuada na eternidade

Ricardo Daehn

Realizar o sonho de qualquer pessoa e ver a vida perpetuada, independentemente de qualquer ganho pessoal. Este é um dos nortes propostos no desenvolvimento do drama juvenil *As dez vantagens de morrer depois de você*, estrelado por Any Gabrielly e Giulia Be. Em foco estão aspirações, entraves e inseguranças típicas da adolescência. Com direção de Diego Freitas (o mesmo do sucesso da Netflix *Caramelo*), o filme trata de superações e de inspiradora coragem, tudo embalado com beleza e rigor a contento.

Após a morte da agitada Julia, a reservada e abatida Gabi terá muito a curar, mas sob uma supervisão indireta da falecida amiga. Baseado em livro de Fernanda de Castro Lima, o roteiro traz uma cartilha para que Gabi se lembre do compromisso (anestesiado) de se sentir viva. Num plano de interação inusitada, Julia luta para se fixar como (boa) lembrança e não se tornar "um fantasma" na vida de Gabi. Como herança, Gabi receberá 10 envelopes que propõem, no miolo, coordenadas para uma espécie de terapia alternativa para o luto.

Em casa da protagonista, os pais, a atarefada Márcia (Sheron Menezzes) e o boa praça André (Paulo Lessa) parecem incapacitados a injetar ânimo na filha. Pior será o posicionamento de Lili (Regiane Alves), a enlutada mãe de Julia, que hostiliza a melhor amiga da filha.

Entre paixões platônicas e necessidades para tempo sozinha e para recobrar confiança, Gabi vai esbarrar com muita gente autocentrada. Na contramão, estará Lorena (a ótima Pâmela Germano), uma nova colega de sala, pronta para não "se apegar (em pessoas)" ou mesmo ser "emocionada".

Longe de corriqueiros parques ou shoppings, o encontro de Gabi com um pretendente (supostamente Nico, personagem de Michel Joelsas) em uma livraria trará abertura para que o roteiro do filme contemple uma exposição do best-seller *A vida imortal de Henrietta Lacks* (livro escrito por Rebecca Skloot, e publicado em 2010). O filme traz o paralelo de uma vida com propósito perpetuado após a morte, e presente na literatura de Rebecca. Naquele best-seller, Henrietta era uma adoecida mulher norte-americana que serviu de cobaia para profundos estudos científicos que renderam inúmeros avanços para a humanidade.

Com situações arquitetadas de forma natural (no roteiro) e que ganham com a interpretação de Any Gabrielly, o filme traz ainda personagens cativantes como os de Daniel Rangel, Lucas, um nerd de bom coração e ainda Leo Jaime, na pele de Toninho, destacado para que Gabi aprenda a dançar e se livre da visão de que a vida seja um fardo.